

## A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO DIDÁTICO NA PERSPECTIVA DE EDUCADORES DA ESCOLA NOVA: SUPERAÇÃO DA ESCOLA COMENIANA?

Carla Villamaina Centeno

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS (Brasil)

Endereço eletrônico: carla.centeno@uol.com.br

Samira Saad Pulchério Lancillotti

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS (Brasil)

Endereço eletrônico: sspllotti@uol.com.br

Sílvia Helena Andrade de Brito

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS (Brasil)

Endereço eletrônico: shelenabrito@gmail.com

445

### INTRODUÇÃO

O presente trabalho expõe parte dos resultados de uma pesquisa, versando sobre a organização do trabalho didático proposta por pensadores escolanovistas, empenhados na luta pela escola pública brasileira entre as décadas de 1920 e 1960. Entre os vários educadores que atuaram no período, três serão destacados: Fernando de Azevedo, Lourenço Filho e Paschoal Lemme. A pesquisa desenvolveu-se a partir de um coletivo de pesquisadores, pertencente ao Grupo de Estudos e Pesquisa “Sociedade, História e Educação” GEPSE/HISTEDBR/MS.

O objetivo geral é analisar as contribuições para a discussão sobre a organização do trabalho didático da escola moderna, questionando o caráter inovador – ou não – dessas proposições. A importância deste questionamento centra-se no próprio elemento renovador, principalmente da nova didática, que os escolanovistas pretendiam imprimir à educação, na luta que travavam contra a assim denominada “escola tradicional”.

### METODOLOGIA

Foram utilizadas fontes documentais, tanto bibliográficas como referente à produção textual de Azevedo (1958a; 1958b); Lourenço Filho (1967) e Lemme (1988).

O referencial adotado é o da Ciência da História, utilizando-se principalmente da categoria organização do trabalho didático como questão norteadora, Sobre a categoria organização do trabalho didático, importa esclarecer, com base nas reflexões de Alves (2005; 2006):

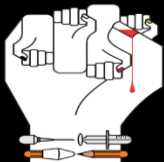
a) ela é, sempre uma relação educativa que coloca, frente a frente, uma

Realização:



Apoio:





forma histórica de educador e uma forma histórica de educando (s), de outro,  
b) realiza-se com a mediação de recursos didáticos, envolvendo os procedimentos técnico-pedagógicos do educador, as tecnologias educacionais pertinentes e os conteúdos programados para servir ao processo de transmissão do conhecimento,  
c) e implica um espaço físico com características peculiares, onde ocorre. (ALVES, 2005, p. 10-11).

A partir do exame das proposições sobre a organização do trabalho didático, é possível problematizar-se como os autores estudados pensavam a concretização e permanência da assim denominada escola manufatureira.

446

## RESULTADO E DISCUSSÕES

Organizada por níveis de ensino e seriação dos estudos, a escola de nosso tempo foi pensada inicialmente no século XVII por Comenius (ALVES, 2006). A divisão do trabalho na escola foi proposta por esse educador tal como se dera na manufatura, visando o barateamento dos serviços escolares, condição primordial à universalização e à implantação do ensino simultâneo. Para tal, Comenius propôs a elaboração de manuais didáticos, que dispensariam o preceptor erudito e introduziriam professores que ministrariam suas aulas com base na programação ali presente (COMENIO, 1997). A nova organização do trabalho didático, com utilização do manual, representou uma ruptura com o conhecimento historicamente acumulado, viabilizado pelos textos clássicos. E foi sob essa forma que se iniciou a universalização da educação escolar, por meio dos sistemas públicos de ensino, a partir do último terço do século XIX. No caso do Brasil, a proposta do ensino simultâneo se desenvolveu no período republicano, por meio dos grupos escolares (SOUZA, 1998); da difusão dos liceus e, posteriormente, dos ginásios e colégios (SOUZA, 2008) e da consolidação da escola normal (ARAÚJO *et al.*, 2008).

O movimento escolanovista emergiu e instituiu-se *pari passu* com essa expansão escolar, tendo se iniciado nos países de economia avançada, a partir de 1880. No Brasil, entre as décadas de 1920 a 1960, houve a participação ativa do movimento renovador lutando pela implantação da escola pública.

A Escola Nova não dizia respeito “[...] a um só tipo de escola, ou sistema didático determinado, mas a todo um conjunto de princípios tendentes a rever as formas tradicionais de ensino” (LOURENÇO FILHO, 1967). Ideias centrais desse movimento podem ser elencadas como: ampliação da função da escola; ensino ativo, colocando a



criança no centro do processo educativo, visando sua autonomia intelectual; concepção da aprendizagem como processo de aquisição individual; aprendizado baseado na pesquisa, em resolução de problemas e valorização da participação da comunidade. A autonomia do educando seria construída a partir do uso de instrumentos didáticos que proporcionariam atividade manual, experiência por meio da pesquisa, ou seja, utilizando muitos livros, brincadeiras, mapas, instrumentos musicais, juntamente com espaços diversificados (LOURENÇO FILHO, 1967; AZEVEDO, 1958a).

Dentre todos os escolanovistas aquele que mais tentou objetivar uma proposta adequada ao trabalho realizado na escola foi Manoel Bergström Lourenço Filho (1897-1970) que buscou imprimir à sua obra didática uma visão funcional, utilitária, com vistas a instrumentalizar a escola pública para o desenvolvimento das capacidades individuais dos estudantes.

Assim, desenvolveu práticas que poderiam ter consequências dentro da realidade da escola comeniana e teve clareza que era necessário mediar a prática por meio de instrumentos didáticos possíveis, naquele momento histórico. No confronto com a realidade material da escola, precisou buscar soluções para realizar o trabalho com professores que, em sua maioria, não tinha formação adequada para a implantação da proposta renovadora. Ocupou-se, portanto, da instrumentalização da educação escolar, a partir da aplicação das ciências compreendidas como fundamentos da educação, particularmente da psicologia (psicotécnica).

Defrontando-se com os limites da materialidade da escola, a despeito de advogar uma educação viva e atenta à individualidade do aluno, Lourenço Filho fez prevalecer os manuais didáticos, ou “livros de texto”, acompanhados de Guias do professor, nos quais as atividades docentes eram objetivadas, tanto nos fins quanto nos meios (LOURENÇO FILHO, 1967).

Fernando de Azevedo (1894-1974) vai tratar dos três elementos da organização do trabalho didático. Em termos de relação educativa, para que se crie o aluno ativo, o professor deve assumir um novo papel, pois “[...] para manter com disciplina e sem fadiga a atividade livre e constante dos alunos, tem [o professor] que ser um despertador do interesse não somente com fonte estimuladora da atividade, mas também como a fonte única de disciplina na escola do trabalho” (AZEVEDO, 1958, p. 74).

Quanto ao instrumento de trabalho, criticava o manual didático, excludente, que não deveria ser imposto ao aluno. Ao contrário, sugeria a criação de um outro instrumento, o livro escolar que, sendo prazeroso para a criança, seria um estímulo



inicial para o acesso ao conhecimento, a ser complementado com outros recursos, como o rádio, o cinema, os laboratórios, as visitas a locais sociais e culturais significativos, entre outros.

No tocante ao espaço físico, uma instituição escolar não pode funcionar com eficácia, dentro de seus objetivos, sem prédios e instalações adequadas. Daí que às instituições escolares não poderiam faltar as salas de clínica e assistência dentária, o pavilhão de ginástica ou ginásio, o museu, a biblioteca, as oficinas de trabalhos manuais e de pequenas indústrias.

Em tensão com as propostas consolidadas pelos demais reformadores chamou-nos a atenção a posição de Paschoal Lemme, que, embora não possa ser enquadrado como escolanovista, incorporou práticas renovadoras.

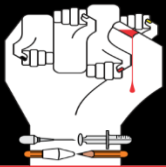
Paschoal Lemme (1904-1997) atuou em várias atividades na área educacional. Ocupou funções técnicas na administração, implantando práticas renovadoras na educação de adultos, dispensando formas burocráticas, oferecendo flexibilidade aos programas e simplificando a organização dos cursos. Inseriu o atendimento individual, implantou cursos extracurriculares de arte e cultura geral, ideias compartilhadas pelos escolanovistas e que faziam parte de seus projetos.

Com relação aos conteúdos, Lemme tinha clara consciência dos alcances da educação escolar, o que se expressou em algumas críticas ao idealismo dos escolanovistas, pois compreendia que as mudanças substanciais só adviriam de uma transformação social mais ampla. No entanto, reconheceu a importância da educação escolar para a formação da consciência política da juventude, particularmente para os filhos dos trabalhadores, que poderiam ter uma compreensão mais clara dos determinantes sociais mais amplos e lutar pela superação da sociedade capitalista. Dada sua concepção marxista de educação, centrou-se mais nos conteúdos escolares atinentes com a formação política dos trabalhadores.

## CONCLUSÕES

Era de se esperar que as intervenções dos reformadores no âmbito do ensino, dada a crítica ao ensino tradicional, avançassem nesse sentido, mas não foi o que aconteceu.

A despeito do discurso e dos esforços desses intelectuais, as análises revelam que as mudanças encetadas não tiveram força suficiente para superar a organização do trabalho didático prevalecente. Reconhece-se que sob influxo das ciências de



fundamento da educação consolidadas nesse intervalo, conteúdos e finalidades da educação escolar ganharam novos contornos. Ocorreu a construção de espaços específicos e implantaram-se edifícios próprios, pensando a educação escolar como um sistema de ensino completo. Importância salutar também pode ser destacada no aspecto político e ideológico, na defesa da escola pública e na formação de nível superior para professores, ideia defendida arduamente por esses intelectuais.

Essas propostas, contudo, enfrentaram entraves materiais. Investigando acerca da implantação de propostas escolanovistas, entre os anos 1930 e 1960, Souza afirma que o Estado “[...] restringiu-se, tão somente, à orientação técnica; tudo o mais, a execução e o suporte material, ficou na dependência da iniciativa e boa vontade dos diretores, dos professores, dos alunos, dos pais e da comunidade” (SOUZA, 2008, p. 4).

A conclusão é que, independentemente da valoração positiva das propostas renovadoras, se manteve o conjunto de práticas hierarquizadas e exigidas pelo manual didático e o ensino coletivo: diante dos condicionantes materiais da sociedade a proposta escolanovista não conseguiu fazer frente à escola manufatureira, àquela organização do trabalho didático proposta por Comenius no século XVII.

**PALAVRAS-CHAVE:** Organização do trabalho didático. Escolanovismo. Fernando de Azevedo. Lourenço Filho. Paschoal Lemme.

## REFERÊNCIAS

ALVES, G. L. *A produção da escola pública contemporânea*. Campinas: Autores Associados, 2006.

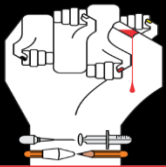
\_\_\_\_\_. *O trabalho didático na escola moderna: formas históricas*. Campinas: Autores Associados, 2005.

AZEVEDO, F. de. *A educação e seus problemas*. 4. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1958a. 2 v.

\_\_\_\_\_. de. *Novos Caminhos e Novos Fins*. 3. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1958b.

COMÊNIO, J. A. *Didáctica Magna: tratado da arte universal de ensinar tudo a todos*. 4. ed. Lisboa: Calouste Gulbekian, 1996.

LEMME, P. *Memórias*. Infância, adolescência, mocidade. Brasília: Inep; São Paulo: Cortez Editora, 1988. v.1.



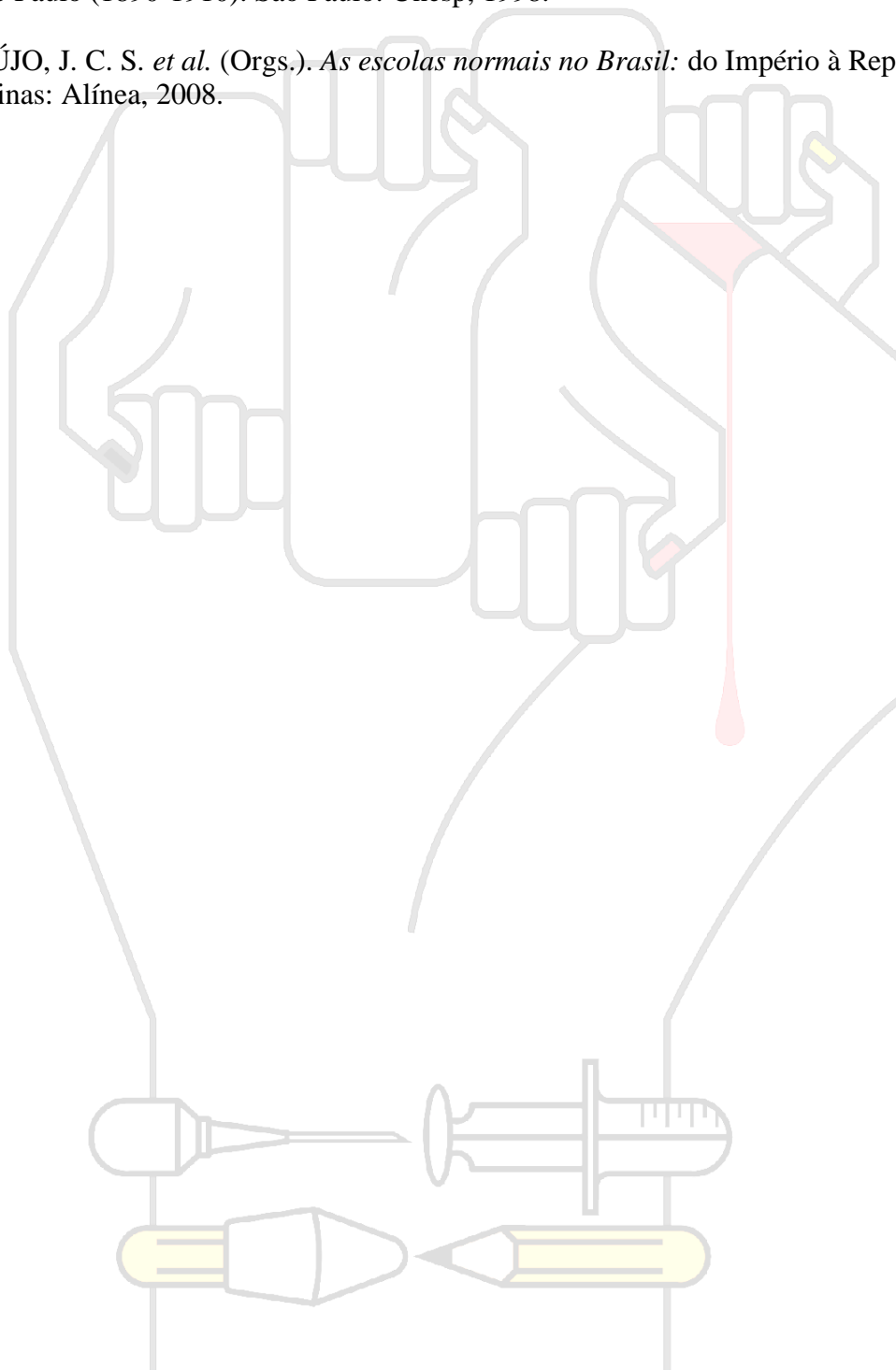
LOURENÇO FILHO, Manuel Bergstrom. *Introdução ao Estudo da Escola Nova*. 7. ed. (Refundida). São Paulo: Melhoramentos, 1967

SOUZA, R. F. de. Ressonâncias da Escola Nova na Escola Primária Paulista. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 2008, 5, Aracaju. *Anais...* Aracaju: UFS; UNIT, 2008. p. 1-15

\_\_\_\_\_. *Templos de civilização: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo (1890-1910)*. São Paulo: Unesp, 1998.

ARAÚJO, J. C. S. *et al.* (Orgs.). *As escolas normais no Brasil: do Império à República*. Campinas: Alínea, 2008.

450



Realização:



Apoio:

